
Entre Literatura e Filosofia:
um relato

Between Literature and Philosophy:
a report

Marcia Tiburi

Université Paris 8

<https://orcid.org/0000-0002-0940-5835>

Recebido em 01/11/2019

Aceito para publicação em: 21/12/2019

Resumo

Esse texto se situa entre o experimento e o testemunho. Nele, forma e conteúdo entram em tensão. Um operador faz o efeito de provocador: a biografia perde seu excesso e se torna uma grafia, uma autorreflexão exposta com sinais da criação vivida. O exílio é uma surpreendente experiência interior.

Palavras chave: Biografia. Processo. Escrita. Desenho. Literatura.

Abstract

This text is situated between the experiment and the testimony. In it, form and content come into tension. An operator acts as a provocateur: the biography gets rid of its density and becomes a kind of "drawing": self-reflection exposed with signs of the lived creation. Exile is a surprising inner experience.

Keywords: *Biography. Process. Writing. Drawing. Literature.*

1. Confissão

Pode parecer que eu esteja a tomar de assalto a revista *Cerrados* por meio da forma e do conteúdo do que vou expor. Talvez a minha atitude ao escrever um artigo como esse à maneira de um testemunho, pareça inviável academicamente apesar de já existirem pesquisas sobre a autobiografia como uma forma filosófica adequada. Lembro sempre da tese de Carla Damião *Sobre o Declínio da Sinceridade* (2006) em que ela trabalha com a perspectiva autobiográfica de Rousseau a Benjamin. Mas lembro também da célebre frase de Millôr: “as coisas que eu digo teriam mais solidez se em vez de carioquinha, eu fosse um sábio chinês”. A humildade sempre é mais sincera, mas começar o texto assim, pedindo humildes licenças, e citando essas figuras talvez possa diminuir a sensação da inadequação anunciada. Sigo, como dizia Robert Burton em sua *Anatomia da Melancolia* (1621), como um anão nos ombros de um gigante que é o lugar no qual nós, professores, preferimos sempre estar. Espero ainda poder ver longe e não cair dessa altura alcançada com a ajuda amiga.

Eu que sempre defendi os inadequados e as inadequações (as poéticas, não as violentas), vou levar adiante uma tarefa, não da autobiografia, mas de alguma grafia sobre o que se vive. Uma grafia com ar de bibliografia, uma meditação sobre a biografia ou aquilo que seria a “heterotanatografia” sobre a qual escreveu Juliano Pessanha (2003). A sensação de tenho hoje, ao falar da vida, é de que não podemos escapar da questão colocada por Theodor Adorno em seu *Minima Moralia* (1951), a da vida mutilada, a da vida que não pode ser vivida.

Essa grafia sobre a vida é o projeto que segue nas próximas páginas, tentando respeitar as formas e normas do contexto acadêmico em que peço licença para falar, embora esse texto possa parecer menos uma fala e mais um daqueles gritos, como o grito de Macabéa de Clarice Lispector (1998), como o de tantas outras mulheres que se acostumaram a não ser ouvidas e desenvolveram todo tipo de sentimento de subalternidade e inferioridade, ou, pelo menos, uma espécie de Complexo de Cassandra, como tenho falado às vezes quando penso nos meus livros e na relação que esses livros tem com o que eu mesma vivo e com o que se vive em nosso país nesse momento delirante.

Se peço licença para escrever, ou se peço licença para gritar, não sei; há algo de intruso em uma mulher que escreve. E se escreve desse modo – tomando para si o o direito ao grito – talvez seja ainda pior. De qualquer modo, penso que se há gritos é para que sejam ouvidos. O grito das crianças que morrem sob as balas das metralhadoras lançados pelos helicópteros do estado genocida que nos governa hoje rasga cada palavra que possa ser escrita no Brasil atual. Eu acabei por me retirar do país onde a barbárie se tornou diária e imediata, antes que tudo ficasse ainda pior com a minha presença, pois eu também me tornei um catalisador do ódio de muita gente e, sobretudo, dos poderosos que orquestram um cancelamento do pensamento crítico em nosso país. O meu grito é e sempre foi bem

claro e bem simples, mas muito odiado: eu pedi a reflexão. Eu disse publicamente “filosofia”. Eu fui indecorosa.

Me perdoe a leitora, o leitor, já estou indo um pouco além na cronologia que deve conduzir esse texto no qual eu não sei se serei capaz de falar de exílio, embora esse seja o tema. Meus últimos dois romances falam de exílio. *Uma Fuga Perfeita é sem Volta* (2016), por exemplo, quase se chamou *Desterro*. Eu espero poder falar sobre isso mais para a frente. Contudo, não sei se poderei falar de exílio no meu caso, pois esse nome se tornou genérico demais, antipoético demais. Eu sei que vou falar, mesmo não querendo falar, já estou a falar. Então, talvez justamente por isso é que eu realmente consiga dizer algo, porque a força de arrasto da negação é imensa. Dizer assim, à revelia do que se quer dizer, faz dizer ainda com mais força, muda a entonação do grito. A impressão de que vou chegar na excrescência de dizer algo quando já não há mais nada para se dizer, não me deixa. Vai sobrar o esgar, a falta de respiração, o oco dentro da boca. Dizer quando não se disse tudo, mas quando tudo está dito e escrito, quando tudo segue para o espaço morto do livro, onde as coisas estão vivas para sempre justamente porque estão mortas em algum lugar, porque a vida acabou e, no entanto, não cessa de se repetir.

Eu estou dando essa volta numa Banda de Moebius com medo de começar. Estou aqui, mordendo meu próprio rabo, desenhando a minha própria mão, como Escher fazia e eu também faço às vezes. Depois eu falarei disso, pois talvez eu seja uma pessoa meio literal. Eu não posso falar tudo, não posso falar coisa alguma, talvez não tenha nada a dizer. Talvez eu possa tentar dizer aquilo que não se deixa dizer, talvez eu possa criar uma teoria do exílio, mas não antes de fugir um pouco dela. De me exilar disso também. Lembro agora de Adorno a dizer, talvez em *Minima Moralia*, que eu citarei sempre mais uma vez, que aquele que escreve, no exílio, encontra na escrita a sua morada. Eu sabia disso, muito antes, muito antes de ter deixado o Brasil da era Bolsonaro eu já vivia o meu exílio. E agora que escrevo esse texto com todo o cuidado, eu sinto medo do que escrevi. Medo de que esse texto fique atual por muito tempo enquanto meu desejo era de escrevê-lo e descobrir sua inutilidade no dia seguinte. Eu quero amanhã poder falar de um exílio interrompido porque as condições para que ele acontecesse haviam desaparecido.

Conto com a atenção dos leitores e, em nosso tempo de distrações coordenadas, me parece que não é nada demais pedir isso. Seria óbvio, mas não é. Só lerá esse texto quem tiver muita paciência comigo, sempre foi assim com tudo o que escrevi. Intrusos não são, por definição, bem-vindos. Peço, além da paciência, que a leitora, o leitor, considere um pressuposto que eu desejaria deixar claro: quem aqui escreve fala de um lugar híbrido. De um lado, quem fala aqui é a professora de filosofia que foi lançada na sala de aula muito menina e meio que por acaso, que um dia diante de um sistema de opressão epistemológica, resolveu dizer que era filósofa, quando parecia importante afirmar que podíamos ser pensadores originais, apesar de brasileiros. Quem me avisou que eu era “filósofa” foi uma mulher que vivia na rua, no momento em que eu respondia à sua

pergunta pela minha profissão de professora de filosofia. Eu gostei daquela possibilidade de uma entrega que me pareceu necessária naquele tempo. Agora, nos obrigamos a voltar uns passos atrás. Não digo isso sem ironia e tristeza ao mesmo tempo. Quem escreve aqui é a mesma que hoje volta a dizer que é “professora de filosofia”, quando parece mais que necessário afirmar a importância do lugar de “professor” – e de professor de filosofia – na atual guerra que se trava contra a educação – e contra a filosofia – que é parte da destruição de nosso país.

De outro, quem fala aqui é a escritora de romances que acreditou reunir a reflexão própria de algo a ser chamado de filosofia e a capacidade de imaginar que encontra lugar na atividade artística como uma produção literária. Quem fala aqui é a pessoa que até hoje publicou seis romances, que escreveu um romance a mão, que segue a dedicar-se à escrita de outras narrativas. Essa escritora é aquela que poucos leem. A que não é amiga dos críticos, a que não vem da burguesia, nem é homem, nem se dedica apenas a isso para ser compreendida como uma romancista de respeito e, portanto, virar objeto de estudo, embora às vezes vire objeto de estudo. Ela escreve demais, ela não escreve, ela não sabe escrever. Ela escreveu um livro sobre fascistas, ela é fascista. Ela escreveu *Ridículo Político*, ela é ridícula. Já há livros demais, escritores demais, esse livro é grande demais, esse livro é pequeno demais, esse livro é feminista demais, nesse livro esse personagem não parece homem. Ela é bissexta na literatura. O que ela escreve não é filosofia. Quando você estiver dando um autógrafo em um livro eu vou te matar com um tiro no meio da testa. São frases que li e que ouvi nos últimos tempos e, hoje, quando penso nelas, me parece que há uma condenação à morte. Foram milhares de ameaças de morte durante o ano de 2018 depois que eu saí de um programa de rádio que era uma emboscada midiática em janeiro daquele ano. A mais bizarra de todas, pelo menos para a minha sensibilidade: “para de desenhar e morre”. O inimaginável ódio ao meu desenho – e eu que achei que ninguém se importasse com o meu desenho – que às vezes mostro nas redes sociais como faz quem desenha. Que mal haveria no meu desenho. Por que parar de desenhar?

A condenação à morte assusta. Mas a condenação à morte da escrita, me choca mais. O subtexto é sempre o mesmo: você não devia fazer uma coisa dessas. Ora, nosso país vive o estranho caso de um número pequeno de leitores desproporcional à sua imensa população. E há a desproporção do ódio. Um ódio que se torna texto e corre as redes sociais, as telas de televisão e os púlpitos. Ódio demais para caber em corações espremidos, ódio que muitas vezes não pertence a quem o expressa. Ódio barato, ódio como discurso pronto. Efeito de um processo histórico e geopolítico que envolve a destruição da educação e a invasão de uma indústria cultural que não mede seus limites e fornece esquemas de pensamento prontos. Livra as pessoas dos livros, jogando-as na cova dos leões que são as redes. Como fazem falta os livros, o hábito da leitura que acalmava a miséria humana...

2. Justificação

Enquanto escrevo, penso que não gostaria de parecer aquele escritor ou artista que tem de se explicar, algo que vemos ser criticado pelo menos desde Paul Valéry (1992). Mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de problematizar esse aspecto que faz parte de certas vidas e, nesse esforço, encontrar certa liberdade de expressão que eu imagino agora como a perda do medo de dizer o que não se pode dizer e que, ao mesmo tempo, é mais do que urgente dizer. É verdade que se fala demais em nossa época. E, ao contrário, é verdade também que escritoras e filósofas sempre foram poucas porque o silêncio sempre foi o destino feminino. O complexo de Cassandra de que falei antes retorna aqui mais uma vez pedindo que eu me entenda com ele. Nos tempos feministas, esse mundo pós-Cassandra no qual nos autorizamos a falar de nós mesmas, adquirimos, ao mesmo tempo, uma mania de nos justificar como se a nossa biografia ou a nossa autobiografia fossem uma espécie de obscenidade. Pelo menos um insulto. Assim, é a heteromarcação que segue seu curso e seus julgamentos sempre animados por todas as misoginias. Eu tento, junto a tantas mulheres, atravessar esse fogo cerrado viva, mas nenhuma de nós consegue fazê-lo incólume. A democracia do patriarcado guarda sempre algum tipo de violência para cada mulher. Violência para todas, eis o lema da ordem patriarcal.

Lembro sempre de Simone de Beauvoir (1986) a falar da auto justificação das mulheres como um problema que pesa sobre o gênero feminino sempre colocado em posição secundária. Acrescento a isso, ao meu caso, uma falta de vontade de falar de mim, uma vergonha, um incômodo, pois nós mulheres sempre somos chamadas de egoístas e narcisistas quando nos ocupamos de nós mesmas. A biografia nos é negada. E muitos ficam incomodados com a consciência da diferença quando, ao abrir a boca, o que dela sai tem algo de grito. Nos últimos tempos, eu fui obrigada a falar muito de mim, em função dos acontecimentos envolvendo minha vida. Agora, tento me consolar como Montaigne, imagino-o a pensar nos ensaios e me coloco: “sou eu mesma a matéria desses ensaios”. Antes, contudo, há Christine de Pisan, mas a sua autobiografia não costuma constar dos cânones tradicionais do patriarcado que dizem: o sujeito nasceu aqui com Descartes. O patriarcado é uma visão estreita do mundo que tudo macha.

Vejo, agora, meu “não-lugar” se materializar em um texto e em uma vida que transcende o texto e que não existiria sem o texto. Me sinto qualquer coisa de “*Bodenlos*”, em um sentido próximo de Flusser (2007). Sento sobre minhas próprias pernas nesse não-lugar no qual eu me localizo. Me pesa a contradição que se mistura ao fato de que eu seja uma mulher, pelo menos sou vista como tal e devo assumir essa heteromarcação por motivos políticos, pelo menos por enquanto. Eu sou uma mulher provisória, sempre fui. E, enquanto mulher, sou, por mais que eu ainda desejasse esconder ou escapar disso por escamoteação, como fiz tantas vezes, mais uma vítima de preconceitos diversos, de todo tipo de misoginia e, sobretudo, dessa posição secundária e inessencial como nos

acostumamos a nos colocar – considerando que já fomos colocadas nela de antemão porque somos mulheres. Eu já escrevi sobre isso em alguns textos feministas, mas estou aqui a me repetir enquanto tento organizar os pressupostos dessa fala. Vejo um nexo íntimo entre tudo o que me aconteceu ao longo da vida e a minha condição atual de “desterrada”. Ao mesmo tempo penso: nós mulheres sempre fomos banidas, sempre fomos “Ban-ditas”, sempre fomos expulsas, justamente porque, ao entrarmos no mundo dos homens, dos poderes, o fazemos todas na condição de intrusas, de estrangeiras que não podem ter direitos democráticos assegurados. Ser mulher é ser estrangeira.

O que fala em mim e fala comigo é esse não-lugar, esse vão entre mundos, na vida, na arte, nos meus pesadelos. É meu. Está na minha estrutura pessoal que eu não saberia contar aqui e que não teria relevância alguma por ser pessoal. Mas que eu acabei por elaborar em meus romances e até mesmo na minha filosofia, por considerar que toda experiência pessoal e particular tem algo de universal e assim, ela adquire isso que se pode chamar de “relevância”.

É de dentro desse vão, desse abismo onde estou, é dele que eu grafo esse testemunho de mim, meio excrescência, meio incômodo, meio inadequação. Pode parecer um drama, uma tragédia, mas não é isso. É apenas a obrigação moral que sobra para quem por ser testemunha de si mesmo se põe a escrever. Como uma vítima de uma consciência aguda, de um saber que seria melhor não possuir. O saber cedo-demais, característico dos melancólicos como disse Freud em seu *Luto e Melancolia* (2011). Quem escreve o faz por que não há outro jeito, porque não possui a si mesmo, porque é testemunho consciente de sua próprio não ser.

Farei, desse modo, esse testemunho de mim, uma grafia meio gráfica, da escritora em seu processo, e da pessoa marcada como mulher considerando que é mais uma dessas pessoas marcadas num mundo de marcações violentas que se acumulam sobre corpos e biografias negadas. De mim que sempre tentei ficar longe disso e que sempre fui capturada nesse lugar, nessa amarra, nessa armadilha, nessa solitária. E me incomoda dizer “testemunho de mim”, sendo eu uma pessoa que também herdei o treino para a invisibilidade como herda toda mulher e que, na histeria machista do mundo, acabou ficando exposta por uma série de *Fake News*. Farei esse testemunho de quem sempre admirou a ideia neoplatônica da verdade como aquilo que deve vir à luz, como o que deve estar nu e acabou pagando preços que não estava muito disposta a pagar porque não achava justo pagar preço algum por simplesmente estar no mundo.

3. Marginalização

Eu falo de mim, e sei que há quem se arrepiei com isso, embora tenha conseguido levar a leitura até aqui. Eu que tive que ouvir a frase “Essa mulher aqui nem pensar”, dita por um professor que nunca publicou sequer um livro e, em uma banca de concurso

público, usava seu lugar de poder masculinista para produzir a clássica injustiça do patriarcado contra uma pessoa que tinha o currículo melhor que o dele, mas que, sendo mulher não era o “falo” necessário para uma universidade pública famosa. Eu que me lembro às vezes de “inimigos” como esses sentados em suas mesas frias a preencher um curriculum Lattes tão pequeno como aqueles mesmos falos dos quais se orgulham e totalmente esvaziados pela burocracia e pela obediência ao sistema. Que falta que o feminino faz em seus corpos. O feminino que eles violentam com suas frases misóginas plenas de gozo impotente.

Vou ao “testemunho” e busco parar de incomodar o leitor com esse excesso de apresentação: eu que sou mais uma vítima de Fake News propagadas pela extrema-direita e pela esquerda-machista, mais uma ameaçada de morte, mais uma mal falada por meus próprios pares, como me disse uma colega, famosa professora de uma universidade paulista, na última ANPOF da qual participei antes de decidir ficar longe de gente que me faz mal. Pois vou falar de mim, mais uma vigiada por psicopatas, vilipendiada e chamada de louca por gente que não consegue amar nem a si mesma. Vou falar de mim, eu que sempre gostei de expor a verdade por considera-la saudável mesmo quando feia e bizarra e que tive que ouvir de um colega, mais um notório professor insosso e sem voz, que eu sou melhor artista do que filósofa, como se isso fosse uma ofensa. Eu, e vou dizer novamente, aquela que assumiu esse nome de filósofa quando todos tinham pruridos de assumir algo como o “pensar livremente”, aquela que não quis mais se chamar de filósofa porque na era de Olavão, o anão, é melhor a gente não misturar as coisas.

Vou falando de mim, do que faço, do que me tornei, um ser humano aí, às vezes ecce homo, às vezes um besouro que não podendo voar, voa mesmo assim, tentando deixar o ressentimento agir um pouco à conta-gotas porque o veneno é o princípio de toda cura para quem entende a lógica do *phármakon*. Vou falar sem esquecer de usar os microgramas curativos, eu que, por agir em vários lugares, ao mesmo tempo, acabo me tornando uma habitante de margens. Qualquer um pode se tornar muito visível para seus inimigos ao habitar margens ou passar a habitar as margens por ter encontrado a visibilidade quando ela lhe era proibida. O mundo do narcisismo não perdoa aqueles que aparecem para os outros mesmo quando estão apagados para si mesmos. A visibilidade é perigosa quando se é visto por inimigos. E os seus inimigos surgem quando você ameaça alguma ordem, sobretudo os jogos de poder que tem destruído as instituições e as pessoas. Antes seria necessário um elo saudável entre elas. Ele teria tudo para levar à verdadeira política que hoje nos faz tanta falta. A verdadeira política seria aquela que estivesse para além dos jogos de poder e que contemplasse a vida de todos os seres que existem. “Mas é muita coisa, você não pode pensar em tudo”, me disse um homem branco cansado por excesso de frieza e falta de dialética em seu corpo. Alguém que entendia o “tudo” como uma visão muito precária. E me pareceu deselegância insistir com quem, invocando o “tudo” não era capaz de pensar mais amplamente, talvez por ter sido proibido

muito cedo de se conectar consigo mesmo, por ter permanecido sendo um pobre indivíduo burguês herdeiro da miséria espiritual do machismo capitalista (com o perdão da redundância).

No meio disso tudo, eu que sempre tive mais facilidade de pensar nas coisas do que pensar sobre mim, eu segui na ação de pensar o mundo buscando me encontrar no meio dele. Encontrei esse vão e eu, lá no fundo, como um ponto preto. E o que aquela ação significava na prática era escrever. Escrever como uma busca na direção do abismo. Ao escrever, habitei margens que eu não criei. Um ser humano não pode criar tantas margens. Ao escrever, a cada livro, a cada texto, eu sei que me colocava em novas margens.

As margens são tão emocionantes. São verdadeiramente excitantes. E elas não estão sempre dadas. Elas surgem, elas aparecem, nós as encontramos. Me lembro agora de Ofélia, figura sobre a qual escrevi há anos para um estudo de pós-doutorado na UNICAMP no qual contei com a acolhida de uma amiga adorável que é Cláudia Valladão de Mattos, a flutuar nas águas do rio descrito por Gertrudes, sua sogra em potencial depois que ela foi levada à morte pelo discurso abjeto de Hamlet. Aquele vestido confundido com as águas, entre as flores e o silêncio ao redor. Nunca imaginei que eu citaria essa imagem de Shakespeare para falar de mim, eu que sempre me identifiquei mais com as figuras masculinas e, assim, conheci sempre mais intimamente Hamlet, do que sua namorada. Penso nos curiosos que vêm olhar o corpo flutuante de Ofélia. Abandonada nas águas, literalmente desterrada. Penso em mim, sem casa, sem chão, mergulhada numa criação infinita, entregue aos textos e aos desenhos, com todo o tempo do mundo e meio fora do mundo.

Uma imagem que me lembra Ofélia. É uma cópia que faço de *Pele de Porco* sobre o qual falarei daqui a pouco se esse texto não tomar outro rumo:

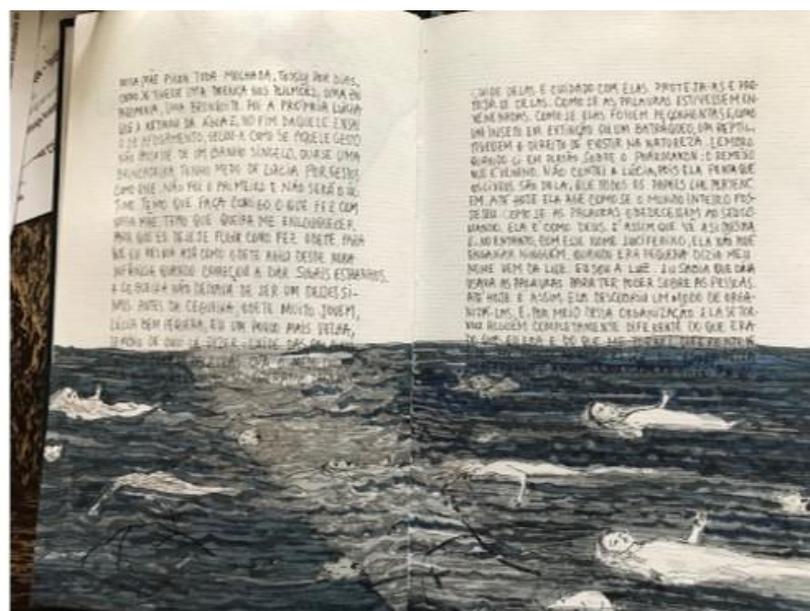


Imagem 1: *Pele de Porco*, Livro dos Corpos, 2019. Trabalho em progresso, Caderno em branco de 200 páginas, 14X21 cm.

Tenho certeza que inauguro outra margem enquanto escrevo. Talvez outra e mais outra e, assim, infinitamente. Talvez um buraco mais fundo no intervalo entre elas. Talvez a ilha. Talvez eu me cubra com água e aquele ponto preto no abismo desapareça de uma vez.

Meu texto tem um tom meio de lenga-lenga. Talvez não em seu conteúdo que depende, para ser aceito e compreendido, da amorosidade ou maldade do leitor, mas no seu ritmo. Eu estou dando voltas e ainda não disse tudo o que preciso dizer antes de falar da minha criação literária. É que ela não aconteceu por acaso e não se mantém por acaso, porque a vida seja bela e fácil ou coisa parecida. Ao contrário, embora seja verdade que eu tenha cavado como um rato numa biblioteca o tempo da criação, além da condição de testemunho, há o encontro interno com o insuportável e uma negação da subjetividade que obriga a criar imagens para estar no mundo. Escrever diz respeito a um território interdito porque a condição de sujeito, de narrador de sua própria história, é que está proibida pelo silêncio alheio, pela ameaça de morte, porque você que é minoria – porque é mulher, porque nasceu pobre, porque pensa criticamente – nunca deveria ter existido.

E nesse momento, apenas porque eu falei em ratos, vou mostrar como eu os tenho desenhado.



Imagem 2: *Terra Adorada*, 2018-2019. “Terra adorada” é uma parte do hino nacional brasileiro que serve de título a esse trabalho que surge a partir de um caderno que foi desmontado e que desapareceu sob tinta dourada. Nessa obra, as vértebras soltas, as flores soltas, um crânio de vaca e ratos coloridos transitam sobre chão dourado do qual ameaça emergir sangue, fragilidade e ameaça que vem da terra.

4. Suprassunção

Escrever, sabemos, sempre foi proibido para as minorias políticas. Sabemos que a escrita e a educação sempre foram reservadas aos homens e aos ricos. As mulheres

tiveram que conquistar essa possibilidade na luta. Ainda estamos na luta. A construção de uma obra, então, essa é simplesmente o tabu. Mulheres, minorias políticas, ora, ninguém nos mandou escrever. Ninguém nos mandou pensar e depois descrever e depois publicar. E ninguém nos mandou muito menos, escrever o que se deseja e escrever tantas coisas e publicar e criar ruídos na ordem do discurso.

Ninguém nos pede para escrever o que escrevemos. Mas quem escreve, o faz porque não obedece. Escreve-se por que se dá um salto dialético. Mesmo quando você se sente uma pulga, um ponto preto no abismo. Ou justamente por isso. Aqui eu uso o termo de Hegel: *Aufhebung*, que se traduziria por superação, mas o termo suprassunção informa mais. Quem escreve esquece e não esquece. Quem escreve segue em frente, salta muito além do seu corpo, do seu tamanho, do seu destino. Eu escrevo a minha escrita dispensável na visão dos donos do poder, seja o mercado literário, sejam os ignorantes de plantão. Desde que descobri, com Crasso de Hilda Hilst que todo os editores são pulhas (2002), eu só edito meus livros com mulheres que me admiram e a quem admiro. Eu já caí em armadilhas torpes. E se escrevo hoje é porque a minha escrita é para a gente generosa que me lê e me sinto vivendo a minha pequena revolução a cada toque, uma revolução que cresce e cria subjetividades novas e potencialidades novas a cada linha. Eu sou outra pessoa a cada vez. Eu já fui, mas não sou mais, eu era, eu serei, eu seria, eu poderia ser. Eu experimento a vida do espírito por meio da vida da escrita. Eu descubro bem cedo que o trabalho do conceito do qual fala Hegel, é, na verdade, para quem vive na linguagem, o trabalho da escrita. E como um dia quem escreveu antes criou o mundo onde o que eu escrevo é possível, também eu escrevo para criar mundo possíveis para pessoas que virão e desejo que elas sejam mulheres. Escrevo para pessoas que descobrirão no texto a construção e a reconstrução e a desconstrução de si mesmas e também das ideias que nos costuram ou porque, a cada dia, é a desmontagem de um sistema de injustiças e opressões o que se busca ao escrever.

5. Assombração

Antes que o leitor se canse dessas questões que se colocam e recolocam, acredito que posso partir agora para o problema teórico envolvido nesse testemunho auto teórico, quem sabe até mesmo meta-teórico. Posso falar desse meu transitar entre campos, entre escrita literária e escrita filosófica e, devo acrescentar a esses trabalhos, um tipo de criação literária ligada ao mesmo tempo às artes visuais, essa nova mania que desenvolvi de escrever livros desenhados como se começou a ver acima. Eu chamo mania porque me parece mais divertido que paixão e retira um pouco do tom trágico que esse texto pode acabar tendo. Mas o aspecto meta-teórico terá de esperar pelo aspecto místico, até porque o aspecto teórico envolve também um aspecto místico como veremos, talvez menos místico e mais assombrado, mas em lugares diferentes de temporalidade. Voltarei ao

aspecto teórico e político que envolve a escrita de meus últimos romances publicados mais adiante e espero que tudo isso fique mais claro.

Aqui vou parar para contar uma história acadêmica que tem algo de realmente assombroso e que explica de antemão, o que me faz desenhar todos os dias de maneira obrigatória desde uma data específica. É uma história íntima e sobre a qual eu não dei notícias na época por temer sua espetacularização, já que várias vezes, minhas falas são mistificadas quando elas não têm nada de místico. Pensei eu: imagine com esse acontecimento, o que não fariam os que me detestam?

Vamos lá. Era setembro de 2014, eu ainda lecionava na pós-graduação interdisciplinar do Mackenzie. Importante lembrar que fui demitida do Mackenzie em final de 2015 por ter defendido a legalização do aborto. Foi uma demissão política. O desencadeador da perseguição é um desses deputados que sempre aparecem nas listas do mais corruptos e fundamentalistas. Na época eu não quis noticiar isso, eu achei que os “inimigos” ficariam ainda mais poderosos e contentes em ver sua violência tomando o espaço público. O fundamentalismo patriarcal é, infelizmente hegemônico, a sociedade brasileira de um modo geral é favorável à ilegalidade do aborto e contra o aborto real feito por mulheres todos os dias porque é uma sociedade que odeia mulheres. Nós que defendemos os direitos das mulheres sobre suas vidas e sobre seus corpos vivemos a pagar os mais diversos preços.

Mas voltando à história acadêmica guardada no rol das minhas perplexidades: uma professora da ECA (Escola de Comunicação e Artes) da USP me chamou para uma banca de doutorado de uma artista. A tese se constituía em dois volumes ilustrados, escritos à mão e muito bem encapados, uma verdadeira “obra de arte” que me deu muita alegria em conhecer de perto. Em 2014 a tensão política era bastante forte, eu já sentia a ascensão fascista em diversos níveis, tanto que estava a escrever *Como Conversar com um Fascista* que seria publicado em 2015 e que me traria algumas alegrias e muita dor de cabeça. Naquela semana eu estava com uma agenda cheia de coisas que eram para mim obrigações: encontrar grupos e mais grupos de pessoas, entre eles muitos estudantes, para falar de filosofia e de política. Eu me sentia cansada naquela última semana de setembro. Um escritor de quem fui muito amiga, me falava de seus problemas com saúde e moradia e eu me sentia na obrigação de ajudar a resolvê-los. Se eu pudesse ajudaria todas as pessoas. Gostaria de vê-las todas felizes. A culpa de estar no mundo sem poder consertar seus problemas era imensa. Hoje menos, eu me sinto menos mãe. A generosidade se confunde com a megalomania, alguém pode fazer, e deveremos ponderar. Uma imagem me vinha à mente: sou Atlas com o mundo nas costas. No dia da banca, eu saí com a mala para ir ao aeroporto, mas antes ainda deveria fazer uma palestra para um grupo de psicopedagogas interessadas em filosofia. No meio daquela semana atribulada e sem tempo nem mesmo para comer e dormir direito, eu sonhava com um fim de semana quieta com meus textos e família. Apesar do cansaço, a tese tinha se tornado um bálsamo.

Era um trabalho impressionante. Ela me fazia pensar por que eu mesma não tinha me tornado artista plástica em vez de professora de filosofia. Eu me questionei muito naqueles dias sobre a minha formação em artes, o meu desvio para a filosofia, a perda da relação intensa que eu tinha com o desenho. Eu nunca levei muito a sério a minha “vida de artista”, até mesmo porque eu fui levada à filosofia como quem é carregada por um vento forte e insuperável e nunca sobrou tempo para muito mais na minha vida além de ensinar e escrever. Embora eu tenha trabalhado com artes, desenho e gravura e até mesmo pintura, meu trabalho nunca passou de um ato doméstico. Nunca me dei esse tempo de desenvolver uma linguagem nas artes visuais. Havia exposto uma coleção de desenhos que foram chamados de Darwinianos pelo galerista em 2006 quando do lançamento de um livro chamado *A Mulher de Costas* que leva na sua folha de rosto a imagem do que era a minha “teiniaguá”, livro daquela fase anterior que eu mesma chamo de Literatura Selvagem.

Eram formas de insetos estranhos, feitos à lápis. Havia também um híbrido de réptil com anfíbio que servia de imagem à minha personagem, originalmente personagem de uma lenda gaúcha que eu resolvi contar à minha maneira.



Imagem 3. *Teiniaguá*, 2005. Lápis. 21X30 cm.

Quando cheguei na literatura, eu ainda era muito marcada pelo texto filosófico, mas os sinais da minha “*Khôra*” estiveram sempre presentes até mesmo na minha produção filosófica. Hoje consigo ver um círculo histórico e só lastimo estar tão velha e não poder começar de novo com essa consciência: eu começo com o desenho, passo à filosofia, passo à literatura, passo à filosofia e passo ao desenho novamente. Mas esse desenho é como uma síntese dos momentos anteriores. Uma dialética relativamente simples, se isso é possível.

Então eu cheguei ao MAC (Museu de Arte Contemporânea) e vi a exposição que fazia parte da tese. Eu estava impressionada e até mesmo emocionada. Sentei-me na ponta da mesa para a arguição. Havia outros quatro professores e várias pessoas assistindo. A artista-doutoranda falou e eu fiquei tocada com sua exposição explicando seu procedimento artístico. Seu trabalho minucioso, delicado, cuidadoso, até mesmo obsessivo com os pequenos objetos que ela usava para montar cada obra em que questões como quantidade e qualidade, materialidade e imaterialidade estavam em jogo. A tese era basicamente uma exposição desses procedimentos e do seu percurso na produção daquela imensa exposição. Eu fui a terceira professora a falar. Eu a parabenizei e fiz minhas observações.

Lembro que ao concluir decidi melhorar um pouco o texto da arguição que eu tinha preparado à mão, imitando a artista que escrevera toda a tese à mão. Resolvi me debruçar e desenhar enquanto a quarta professora se preparava para falar. Ali eu fiquei tentando concluir a arguição – texto e desenho – que eu gostaria de dar à candidata ao final. A quarta professora começou a falar e disse alguma coisa da qual discordei, mas me mantive concentrada em meu desenho. E, de repente, um barulho alucinante, ergui os olhos e vi que todos me olhavam assustados. Lembro de um colega quando eu ainda lecionava na Unisinos que me repreendeu uma vez por desenhar nas reuniões. Ele me repreendeu dizendo que eu estava querendo me exhibir. E, no entanto, eu apenas rabiscava no meu caderno enquanto suportava um momento perverso de uma reunião inútil com burocratas acadêmicos como ele. Para minha sorte eu não me deixei levar por esse colega, não pensei que desenhar fosse erro em momento algum. E confesso que eu devia ter levado ainda mais a sério esse direito à fuga.

Todos olhavam para mim espantados. Algo havia caído sobre mim, nas minhas costas. Eu tinha a cabeça para fora, a mesa apertava a minha barriga. Alguém puxou a mesa e me segurou. Eu desmaiei. Lembro de estar acordada sobre a mesa e uma das professoras ter dito que havia feito um Reiki sobre mim. Lembro de tudo estar extremamente luminoso. De eu ter ido ao banheiro e de ter voltado e desmaiado mais uma vez. Lembro de ter acordado novamente e pedido que chamassem uma ambulância. Eu precisava ir ao hospital, avisei. Um bombeiro veio com uma cadeira de rodas e eu descii para a ambulância do SAMU. Na ambulância, a estudante me deu a ata para que eu assinasse, pois do contrário ela perderia a tese. Poucos segundos depois, a paramédica disse: “quatro por um, tá chocando”. Eu desconfiei que eu podia morrer ali, mas ela deve ter me dado uma injeção de adrenalina e eu recuperei a consciência. Fui levada a um hospital onde me disseram que eu não poderia fazer uma tomografia porque o procedimento de segurança não havia sido contemplado. Não se deve mover alguém que sofreu um acidente. As pessoas, no entanto, tinham as melhores intenções. O museu não. Com sua falta de segurança, qualquer museu se torna assassino em potencial. Eu pensava: e se aquela parede tivesse caído sobre uma criança. Demorei a entender que se eu

estivesse sentada em uma posição mais convencional, com a cabeça erguida, eu teria sido morta por uma obra de arte. A exposição fatal. Mas não. Foi apenas a obra de arte que caiu sobre mim em um museu durante uma banca de doutorado. Mas para mim, não. Eu sabia que a arte queria me matar.

Eu teria a cabeça decepada como a heroína de um livro não publicado chamado *A Fábula do Imperador Chinês* com o qual eu me divertia naquela época, aliás desde 2011 e que permanece inacabado e impublished. Quase acabei como minha heroína. Isso ainda me impressiona. Foi o meu momento *Unheimliche*, de um sinistro freudiano verdadeiro e radical. Como se algo pedisse para ser compreendido. Talvez esse algo que se constrói entre a vida e a linguagem, entre o sonho e o pesadelo. E ali, no meio, a literatura. Talvez essa história, esse sortilégio, essa assombração, venha a ajudar a entender o que se passou com meus últimos três romances publicados entre 2012 e 2018 e o meu momento de “exílio”. Mas falarei sobre isso mais adiante. Eu ainda preciso circular ao redor do trauma.

Agora, um aspecto que me faz pensar no caráter mágico daquele momento. É que a obra que caiu sobre mim era um conjunto de painéis de acrílico, quatro ou cinco, pelo que lembro, com mais de cinquenta mil palitos de fósforos. A parede, segundo o bombeiro tinha mais de 300 quilos. Com o impacto deve ter ficado ainda mais pesada. Talvez eu não esteja sabendo contar, certamente não, mas era estarrecedor que a obra que caiu sobre mim se chamasse *Campo minado* e, ainda mais estarrecedor e ainda mais mágico, no sentido absurdo e infeliz de um acontecimento, era o fato de que a exposição e a tese toda se chamasse *Área de Risco*. A impressão era de que a “coisa” havia se realizado. Até porque os materiais usados pela artista-pesquisadora eram todos, de algum modo, delicados.

Evidentemente, a falta de segurança do espaço não é mero acaso, mas o fato de que eu tenha pensado tudo o que pensei e vivi naquela semana e que aquela parede tenha caído somente sobre mim me deu a sensação de um nexos direto demais entre o imaginário e o real, digamos assim, para falar de categorias lacanianas. Não tomo isso como explicação, pois deve haver explicação técnica para a queda, mas como no conto de Kafka chamado *Diante da Lei*, fiquei com a sensação de que aquilo era como a porta aberta que estava diante do personagem e que esteve sempre aberta apenas para ele, mas na qual ele nunca pode entrar. A minha porta aberta era uma parede pesada a sustentar uma obra de arte.

6. Destinação

Nessa semana, escrevendo esse texto e pensando nesse peso pesado demais é que encontrei o título de meu próximo romance que comecei a escrever no exílio em final de 2018 na cidade de Pittsburgh (onde nasceu Gertrude Stein) e que sigo escrevendo em Paris (onde Gertrude Stein morou a vida toda) e intimamente ligado à *Autobiografia de Alice B. Toklas* (STEIN, 1990). Penso em chamá-lo de *O Exílio é um Fardo Pesado Demais*. Eu vejo

nessa parede que cai sobre mim uma expulsão de alguma coisa e, ao mesmo tempo, um aviso.

De fato, se levarmos a sério que “destino” é o que nos aconteceu, aquilo era o destino. Um ano depois eu escrevi um conto chamado *Cariátides* que foi publicado no Suplemento Literário de Minas, mas escrevi com muito medo de me relacionar ao acontecimento vivido. Até hoje eu tenho medo de contar sobre aquilo tudo. Até hoje eu tenho medo de coisas que podem cair sobre mim. E penso que a enxurrada de Fake News e ameaças de morte que caíram sobre mim em 2018 foi antecipada, de algum modo, por essa parede quase mortal.

É como que um “Pensamento Selvagem”. Como sempre me pareceu algo meio selvagem a minha literatura, a minha filosofia e a minha leitura do mundo. Uma vez sonhei que eu era a neta de Lévi-Strauss. Escrevi um conto, depois sonhei que procurava o seu livro *Pensamento Selvagem* na estante. Eu me acostumei a ler o livro do mundo (sim, eu havia lido Curtius) e aquela parede não era um acontecimento fora da linguagem, como não era esse sonho. Ao contrário. Era pura linguagem ainda que houvesse um vão, uma margem nova a descobrir. Antes, eu encontrei em Adorno, filósofo do meu mestrado e doutorado em filosofia, a frase: o livro do mundo está escrito em linguagem cifrada. Eu seguia na minha viagem espiritual e aquela parede era um ponto importante, excessivamente material (leiam em negrito essa palavra, por favor) naquela viagem. Dali em diante, eu comecei a escrever à mão até chegar a esse romance que se chama *Pele de Porco* e que tem, como diz um amigo, começo, meio e fim.



Imagem 4¹

1 Imagens 4 a 10. *Pele de Porco*, 2017–2019. *Pele de porco* é um livro desenhado que tem cerca de 150 páginas. Ele foi escrito entre fevereiro de 2017 e fevereiro de 2019. No começo era apenas um exercício, não havia um projeto prévio, senão que o livro deveria ser uma história escrita à mão. O desenho foi aparecendo e tomando conta das páginas. A regra do processo era não escrever a história antes, mas escrevê-la diretamente na folha. Trata-se de uma espécie de “road-novel” no qual duas irmãs fogem de um manicômio no qual uma delas está internada e viajam de carro para encontrar o pai delas que vive em outra

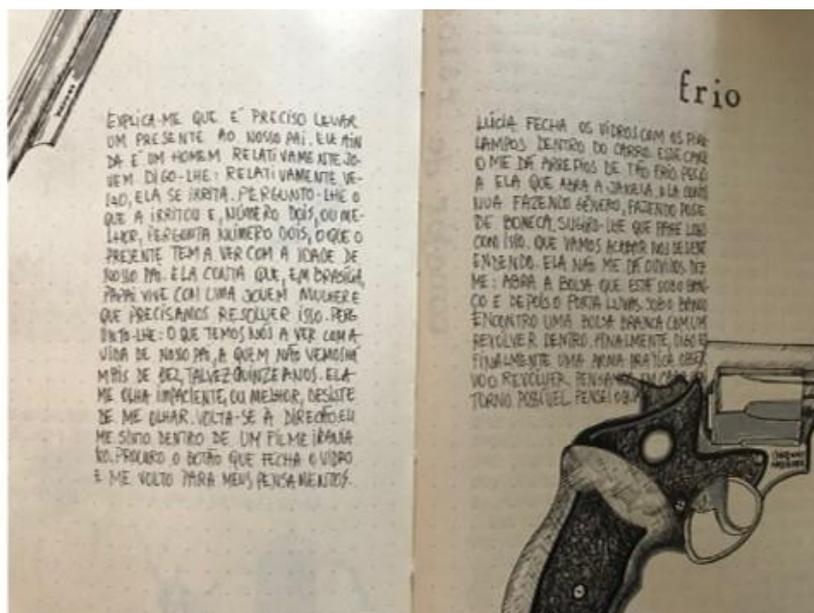


Imagem 5

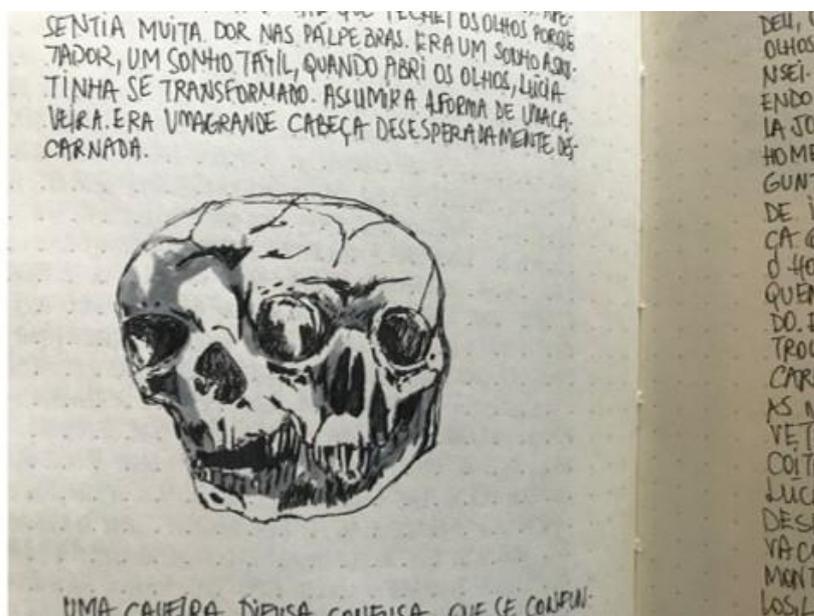


Imagem 6

cidade. A cidade é Brasília, a capital federal do Brasil onde o pai se transformou em um vampiro. Há memórias do passado e muitos acontecimentos no meio do caminho. A narrativa é contada por Lúcia, a irmã que estava internada no hospital psiquiátrico. A narrativa nos deixa em dúvida sobre o status de Dora, a irmã que vem salvar Lúcia depois de um longo tempo em que Lúcia esteve à sua espera. A ilustração busca ser manual, primitiva, livre de design ou de clichês gráficos. Diferentemente de uma HQ tradicional, as imagens se referem praticamente apenas aos signos da sujeira que constam no livro: animais e plantas sujos, podres e peçonhentos delicadamente desenhados.

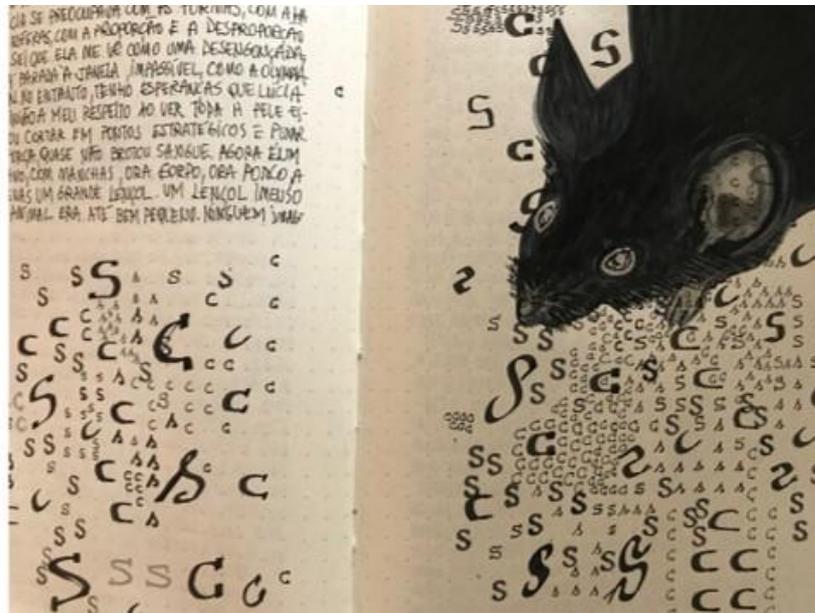


Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9

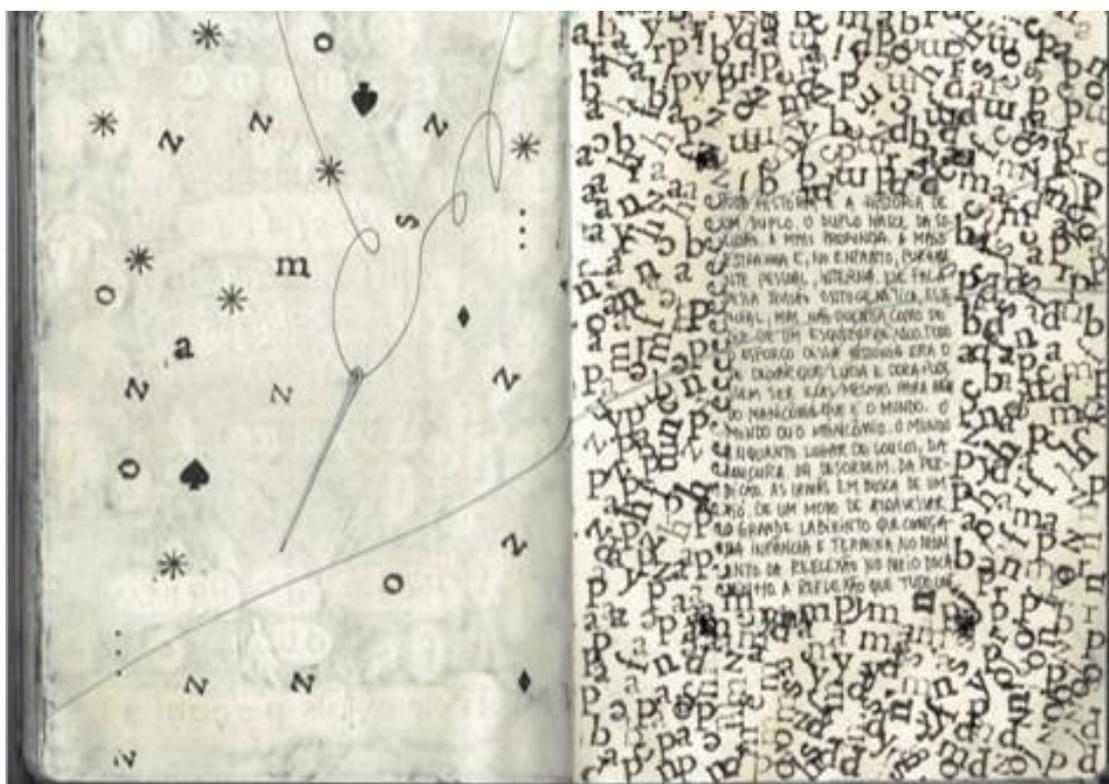


Imagem 10

7. Culpabilização

Pele de Porco é um romance ilustrado. Nele se pode ver o meu medo de desenhar. Eu desenho com muito cuidado. Tenho medo do meu traço, medo do erro, medo do risco. Eu demorei a descobrir que o meu traço é mesmo medido, obsessivo, minucioso e que poderia ser assim. Eu começo esse livro como quem sobrevive, desenho como quem pede desculpas. Essa é uma sensação que, infelizmente, dá base a toda a minha obra. Sempre há a sensação de que estou cometendo um delito, de estar fora da lei. De que estou fazendo algo que não deveria fazer como agora quando escrevo esse texto.

Lembro de minha mãe a me dizer em 2003 quando eu publicava *Uma outra História da Razão*, um livro de filosofia anterior às minhas publicações literárias: “Outro livro? Por que você não deixa um pouco para as ruas irmãs?”. Eu nunca entendi o que ela queria dizer com isso, senão que eu não estava autorizada a uma coisa tão particular, tão própria como escrever. Minha mãe com seu raciocínio maltratado pelo patriarcado também achava que escrever não era para mim, pelo menos não tanto. Da maneira errada ela colocava uma questão séria: por que as mulheres não fazem isso? Como podemos ajudar umas às outras a construir uma obra? E uma vida? Naquela época eu tinha publicado poucos dos meus livros e eram todos acadêmicos. O que ela me disse soou estranho e, embora houvesse algo de maldoso naquele dizer, era mais do que isso, uma coisa triste: a expressão de um sofrimento que surge da impotência.

Eu segui escrevendo, mas a sensação de culpa, de não ter sido chamada a fazer isso, de estar sendo metida, intrometida, de estar fazendo algo que não me cabe, de estar sendo inútil, me vem desde sempre. E, no entanto, tenho certeza de que sobrevivi emocionalmente àquele mundo frio e inóspito de onde venho porque eu escrevi. E porque desenhei e porque li. Lembro de Thomas Bernhard, o menino sobrevivente da guerra, do frio, da doença, cuja obra influencia muito meu romance chamado *Uma fuga Perfeita é sem Volta* (2016), a dizer em seu *Origem* (2009) que ele sempre quis ser útil e por isso resolveu trabalhar em uma venda e fazer coisas úteis como varrer o chão dessa venda. Há um personagem cego nesse romance chamado Tomás que é a minha homenagem a Bernhard.

Em um mundo tão cru, tão frio, tão duro a literatura deve mesmo causar essa sensação de culpa. Por que há, sim, alguma felicidade na literatura. Por mais difícil que a vida possa ser. Lembro do frio da minha infância. Do sul de onde eu venho e de como colocar o “frio” como uma atmosfera em alguns dos meus livros, mudou a minha relação com isso que, inicialmente, era insuportável para mim. Mas talvez essa culpa seja só de mulheres ou de pessoas marcadas como minorias políticas que se metem a fazer coisas que seriam antes apanágio apenas da burguesia. Eu, menina pobre que fui, andando no gelo para ir à escola, com meu sapato vermelho furado, escrevo apenas porque fui uma menina pobre que percebeu que era uma menina pobre. Por que percebi que eu era

fisicamente diferente de seus irmãos. Mas isso eu não posso falar direito aqui, meus personagens falam por mim. Meus livros é que tratam dessas coisas, dessas diferenças, dessa estranheza com a qual sempre fui olhada desde minha própria casa onde desenvolvi um complexo estranho. Ali eu já era estrangeira.

8. Separação

E foi assim que eu vi que eu mesma era duas. A que escreve e a que desenha. A que é professora de filosofia e a que é escritora. A que escreve *Sob os pés, meu corpo inteiro* a história de uma mulher que, depois de torturada e exilada, volta ao Brasil e retoma memórias que tinham ficado abandonadas na luta pela sobrevivência e na entrega a uma vida inexpressiva, secundária, banal. A que cria irmãs e mais irmãs em cenários de mulheres duplas.

Enquanto eu escrevia *Sob os pés*, eu escrevia também *Pele de Porco*, a história de duas irmãs assassinas. Uma é a narradora e a outra a que pode ser apenas a sua alucinação. Ali, surgem imagens de xifopagia como essas (imagem 11 e 12) e, na cópia que estou fazendo (Livro dos Corpos) a imagem da mulher dupla parece estar se repetindo (imagem 13)



Imagem 11. *Pele de Porco*, 2017-2019.



Imagem 12. *Pele de Porco*, 2017-2019.

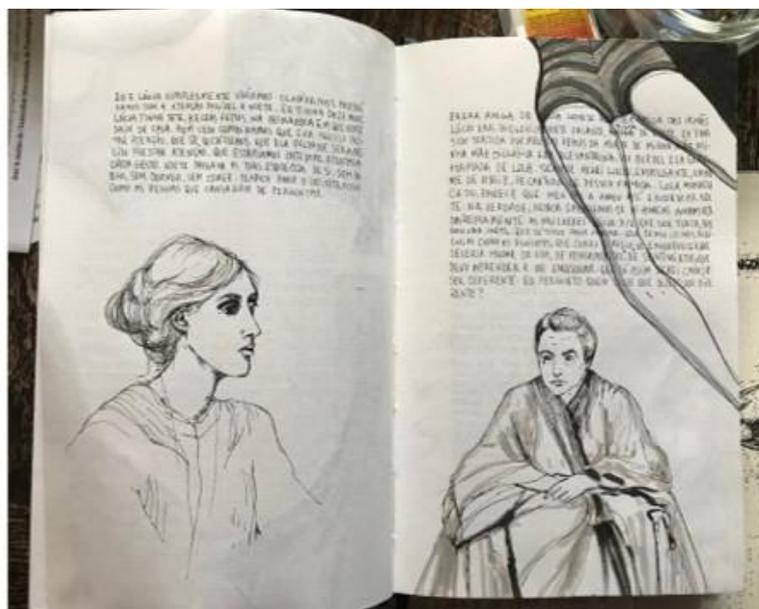


Imagem 13. *Pele de Porco*, 2017-2019.

Uma metáfora para mim dessa mulher dupla que, acabei percebendo, aparece em todos os meus romances desde a época da *Literatura Selvagem*. A negação da unidade, a possibilidade, a luz e a sombra, a vida e a morte. O dualismo, a dialética, eu já não saberia dizer. A imagem da heroína de cabeça decepada em *A fábula do imperador chinês*, a imagem da heroína sem pés e sem memória em *Magnólia* (2005), a imagem de Agnes e de Agnes A., a mulher dupla em *Uma Fuga Perfeita é sem Volta* (2016), a imagem da Grande e da Pequena Berenice em *O manto* (2009) e da mulher no espelho em *A mulher de Costas* (2006). Se eu procurar mais certamente encontrarei mais.

Não paro de me justificar. Que chata, deve pensar a leitora, o leitor. Que maçante isso, que discurso enfadonho, quanto narcisismo, que inutilidade, quanto pedantismo, quanto vitimismo, puro proselitismo, mimimi (uma das gírias mais idiotas que já vi). E por

que esse tipo de julgamento é realmente possível em nosso estágio cultural eu creio que seja importante continuar. Até porque esse texto também só é possível porque há condições históricas que exigem sua escrita. Em vez de parar, é preciso continuar a escrever. Em vez de aceitar o “Para de desenhar e morre” do jovem fascista que me atacou nas redes, é preciso seguir. Levar até o fim essa fala incômoda e inadequada.

A teoria da auto justificação se encaminha para o fim: o discurso como confissão dos sem-lugar, dos habitantes de margens que não podem falar bonito, que romperam com toda a padronização epistemológica e estética precisa ter lugar. Eu não chego a tanto. É uma pena. Sigo no meu procedimento meio filosófico, meio literário (metafilosófico, metaliterário?) como um ponto perdido no vazio entre linhas assíntotas que, com muito esforço, eu tento colar. O ponto negro se apaga no meio das águas e eu não preciso mais me preocupar em existir.

No fundo, é um desejo de fazer a “colagem” expondo os meus procedimentos esforçados, o esforço da linguagem, da escrita, do ato de “desescrever” como tenho chamado em um livro que reescrevo desde que foi publicado em 2004 e que ainda é chamado *Filosofia Cinza*, mas que agora leva o subtítulo: “esboço de uma filosofia da escrita”. Decidi desenhá-lo há um tempo. Ele virou um pano de três metros quadrados chamado *Disjecta Membra*.

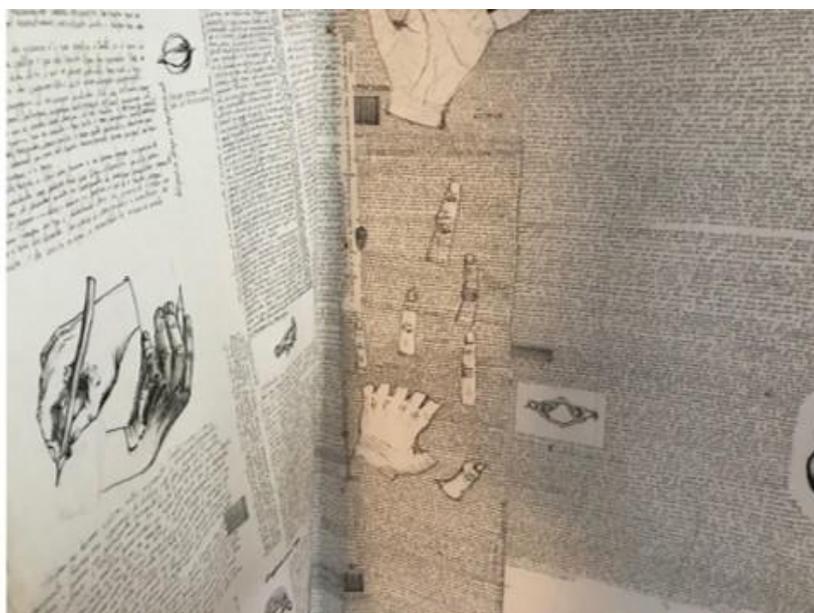


Imagem 14²

2 Imagens 14 a 25. *Disjecta Membra*, 2018, em processo. *Disjecta membra* é um ensaio filosófico sobre o ato de escrever e desenhar. O pano vem sendo desenhando desde 2017 em um processo que cruza aspectos filosóficos e artísticos. O projeto implica colocar o livro inteiro dentro do pano (cerca de 3x3m) e todas as partes desenhadas de um corpo humano, seu interior e exterior. Enquanto o pano é desenhado, o ensaio sofre alterações. Há poucos dias, o pano foi apresentado em um evento filosófico na Universidade Paris 8 em que se discutira a relação formal entre filosofia e arte, entre desenho e literatura. Nesse livro, eu faço como Arthur Bispo do Rosário: escrevo o nome de todos os autores que escreveram sob a melancolia, para



Imagem 15



Imagem 16

nos salvar dessa perspetiva mortal como fez Robert Burton em seu *Anatomia da Melancolia* (1621) que inspira a obra, ela mesma uma anatomia de um corpo escrito e desenhado.



Imagem 17

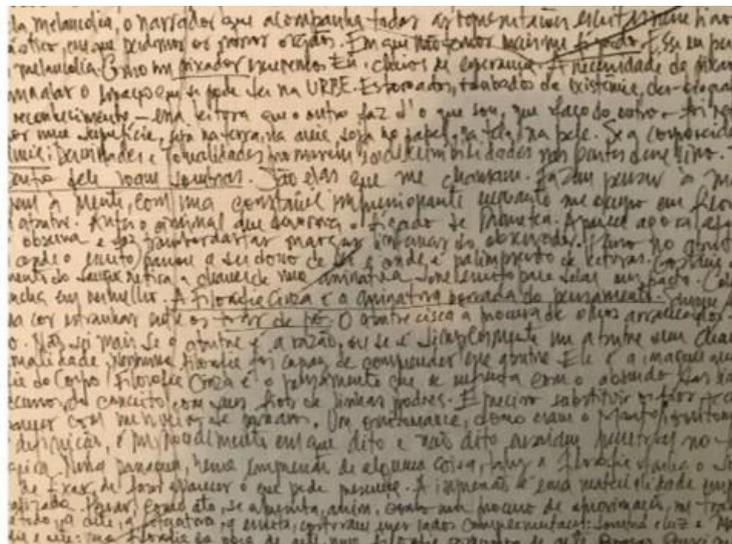


Imagem 18

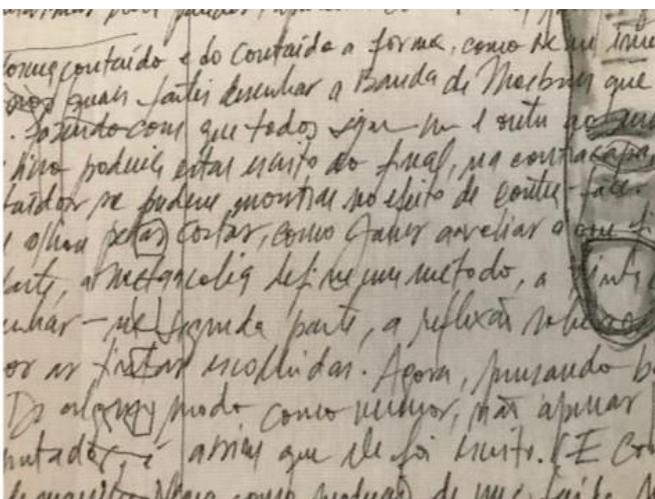


Imagem 19



Imagem 20

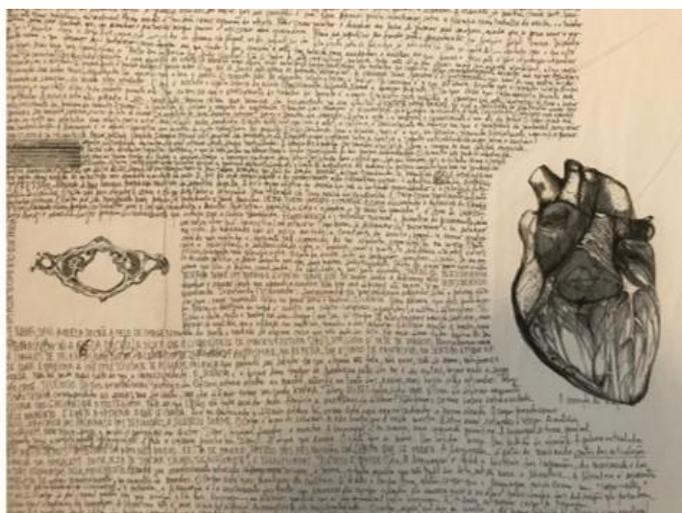


Imagem 21



Imagem 22

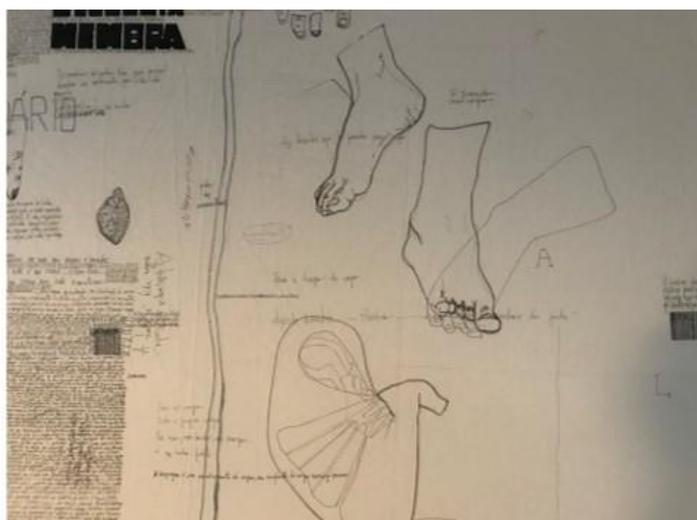


Imagem 23

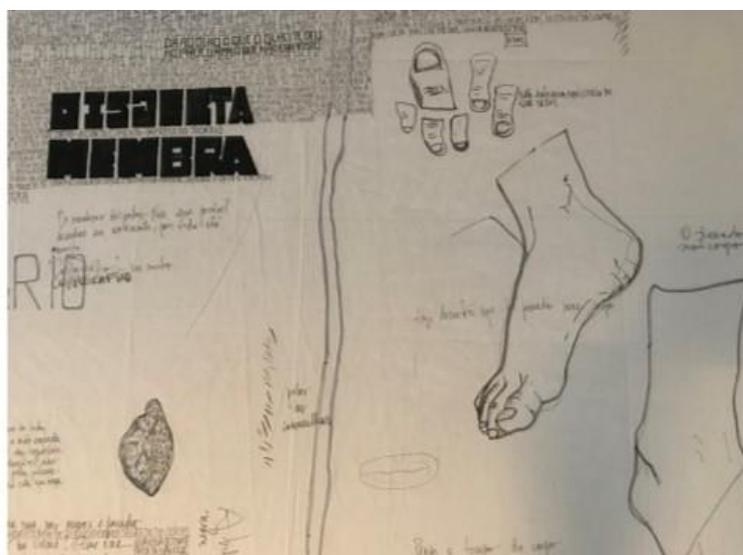


Imagem 24

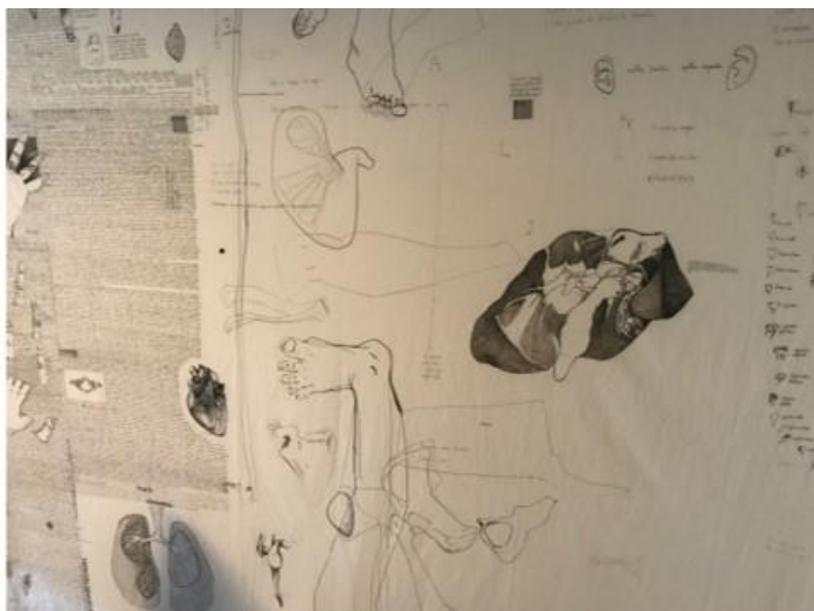


Imagem 25

Talvez falar desse processo possa ajudar alguém a pensar no seu próprio processo e nos possa ajudar a pensar que, mesmo quando estudamos e escrevemos filosofia, devemos entender como fazemos isso. Penso em como foi frustrante minha formação em artes, mas como eu disse, guardei uma questão essencial, a do processo. E foi pensando nisso que eu construí os meus livros de filosofia. Se é preciso estar atento ao processo quando se é artista, ser filósofo deveria ser parecido com ser artista. Ser artista devia implicar ser, de algum modo, ser filósofo. O livro de Arthur Danto sobre Andy Warhol (2010) é um bom exemplo. Danto fala de si ao falar de Warhol.

Vou poupar o leitor de mais confissões longas e tentar ser o mais objetiva possível daqui para a frente (embora tudo isso seja muito dialético e, sem ironia, a meu ver eu tenha beirado o positivismo com uma postura que, para mim, é muito objetiva). Não posso deixar de dizer, antes de seguir, que foi a disruptiva experiência com a parede caindo sobre mim, algo fundamental para que eu tenha juntado alguma coisa que estava separada nessa vida que, como as outras, é feita de pedaços.

9. Salvação

Hoje eu tenho certeza de que o desenho salvou minha vida. Antes, eu acreditava que eu era mais uma daquelas pessoas salva pelos livros, fosse como menina pobre, fosse como escritora perseguida por hordas fascistas, fosse como pessoa que vive em estado de espanto em um mundo incompreensível que apenas muita pesquisa e reflexão podem conseguir tornar menos insuportável. Mas eu fui salva pelo desenho naquele dia 26 de setembro de 2014, exatos 74 anos do suicídio de Benjamin.

E volto a dezembro de 2018 e me vejo sozinha no meio da neve nos Estados Unidos, sem conhecer ninguém, em uma casa para escritores perseguidos em seus países. Eu volto a desenhar e o desenho é a minha sobrevivência, o meu alimento espiritual, é chão mesmo, é ponte sobre o abismo. E junto com a literatura, eu vejo que posso ficar assim, vivendo um triângulo amoroso entre filosofia, literatura e arte. E, quando volto no tempo, percebo que, a minha primeira linguagem que foi o desenho, eu que aprendi a escrever com meu irmão com quem eu disputava o desenho – continua sendo a minha linguagem. Ora, o desenho é provavelmente a primeira linguagem de todas as pessoas antes da era digital. Hoje o primeiro contato com instrumentos da linguagem para muitas crianças é o telefone celular operado por “*touch*”. Elas já não desenhavam, apenas jogam. Isso nos separa de uma geração. Separa mundos, universos históricos, sensibilidades e mentalidades. Não é um desafio pequeno tentar contato com esse número imenso de pessoas que são capturadas hoje por outros modos de subjetivação e acredito que nós que fazemos arte nos sentimos cada mais extraterrestres exilados em um mundo paralelo. Mas a nossa tarefa é conseguir acessar as pessoas sem deixar de fazer o que devemos fazer.

10. Conclusão

A minha história é de uma estrangeira na própria casa: a menina pobre que descobre os livros e neles um refúgio: portal e luz. A que descobre os livros de filosofia na biblioteca municipal. A biblioteca de sua pequena e assustadora cidade natal. A que traz os livros para casa, a que os lê, a que primeiro se forma na faculdade em sua família. A que se torna a inusitada doutoranda de filosofia tão cedo, entre homens nem sempre amistosos que ela esqueceu de ver como seres diferentes. A professora de filosofia, ainda muito jovem deslumbrada com as potências de uma sala de aula, melhor na sua cabeça de rato de biblioteca do que qualquer diversão. A que vai fazer televisão rompendo com uma espécie de lei que pesa sobre o bom comportamento acadêmico. A que não vê televisão e, indo fazer televisão, não gosta muito do que vê. A que, indo fazer televisão, prefere escrever ensaios sobre a televisão, a que escreve o *Olho de Vidro*, seu livro menos lido, um projeto teoricamente promissor editorialmente encalhado. A que escrevendo ensaios, a que resolve escrever romances porque eles se escreviam sozinhos nas madrugadas solitárias – quem vive junto de quem? – vivendo em Porto Alegre, depois São Paulo, depois Rio.

A que escrevendo romances, resolve escrever contos, volta a escrever ensaios, a que escreve artigos acadêmicos, a que escrevendo filosofia, resolve ser feminista, a que sendo feminista, resolve fazer política, a que fazendo política se torna candidata em um novo grau de intrusão. A que é perseguida, ameaçada, xingada. A expulsa, a desterrada. A que se encontra em uma espécie de condição estrangeira por estar sempre interessada na próxima margem, por não combinar com mundo algum, a que nunca está no lugar, a que nunca está adequada. A que perdeu a vergonha de escrever. A que dedica um livro aos inadequados. A que cria fantasmas, personagens, pseudônimos. A que aparece. A que se esconde. A que estressa as linhas da vida que já foram arrebetadas há muito tempo. Aquela que, ao chegar na outra margem, conquista apenas a solidão porque a solidão – ficar bem consigo mesma na sua solidão como vemos em *bell hooks* e outras feministas – é a única conquista que vale a pena para uma pessoa marcada como mulher. E, não esqueçamos mesmo agora que nos encaminhamos para o fim, ser marcada como mulher implica suportar a misoginia estrutural da sociedade patriarcal. Essa que odeia um texto como esse: narcisismo, egocentrismo, inutilidade.

“Estrangeira na própria casa” é a expressão que encontrei para falar dessas pessoas que são mais Antígonas do que Édipos. E, na impressão que eu tenho de mim mesma, de minha obra filosófica e literária, considerando o contexto em que me encontro hoje, é a melhor explicação que posso encontrar. Durante todos os anos em que ensinei na universidade eu sempre transmiti aos meus estudantes o *Das Unheimlich* de Freud, que podemos traduzir por familiar–estranho ou por sinistro. De fato, o que vem acontecendo comigo é, se não assustador, pelo menos muito impressionante.

Um amigo, leitor de meus livros, estudioso de literatura brasileira, poeta, me disse: Você já percebeu que seus livros estão se realizando? Uma jornalista em uma entrevista me disse algo parecido: Marcia, tenho medo do que você escreve. Eu mesma começo a ter medo do que eu escrevo e do que eu desenho. Aqui um desenho que me dá medo de um texto que permanece sem nome:



Imagem 26. Caderno Moleskine 13X21 cm. Ainda sem título.

Mudo o destino dos personagens, penso em deixá-los vivos. Tenho também medo do que eu desenho. E, no entanto, me lembro de uma frase do *Dicionário Kazar* (Milorad Pavitch) que me acompanha há muito tempo: segue na direção em que teu medo cresce.

Meu amigo se referia a *Era Meu Esse Rosto* (2012), *Uma Fuga Perfeita é sem Volta* (2016) e *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018). Meus três últimos romances, todos ligados a uma questão, a dos sujeitos que se exilam, que viajam entre mundos, que perdem seus mundos originais. São romances sobre um sujeito perdido, habitantes de corpos confusos em si mesmos que habitam margens entre tempos e espaços. São todos sujeitos que partiram, que são incapazes de voltar, que voltam, quando voltam, para lugares que já não existem.

O primeiro deles, *Era Meu Esse Rosto* (2012), se constrói a partir de memórias que escutei quando menina, sobretudo histórias de meu avô paterno. Histórias que fazem parte da história de minha família. Na verdade, o que meu avô contava não era uma história longa, era uma espécie de mito fundador. Eu gostava dessa parte: Tiburi era o nome escrito em um pedaço de papel que estava dentro do cesto onde estava nosso bisavô bebê, abandonado em uma roda de expostos em Verona. Eu prestava atenção como ninguém sem jamais entender porque ele contava e recontava a mesma história. Eram imagens como fotografias em uma casa, como a minha, que praticamente não tinha fotografias. Eu não tenho fotografias de infância e coloquei nesse romance essas memórias fotográficas

construídas a partir do texto de meu avô a quem eu chamava de *nonno*. Tive que colocar muita ficção para completar os buracos, mas mantive as imagens originais amareladas pelo tempo. Ele virou um romance contemporâneo com um narrador fotógrafo que faz uma viagem à Itália para encontrar uma fotografia de seu avô quando menino e acaba sendo vítima de uma inundação na visita a um cemitério. Esse não é um romance de ação. Um crítico disse que o texto estava decente, mas que o narrador não convencia como homem. Eu me vinguei desse machismo acadêmico em *Uma figa Perfeita é sem volta* no qual a questão de gênero é central na vida do meu herói hermafrodita. Eu escrevi a história de um homem que descobre que pode ser mulher.

Eu tinha um único objetivo com *Era meu Esse rosto*: que a minha tia que está na base da imagem da mulher dupla dos meus romances, inclusive nesse, gostasse de ver o que fiz. E ele foi alcançado. Além de minhas irmãs, ela é a única pessoa da família que lê o que eu escrevo e esse livro era para ela. A cena do nascimento das irmãs gêmeas me foi contada pelo meu avô. Que sempre achou que ela iria morrer. Mas ela não morreu. Ela é praticamente aquela pessoa que eu descrevo nesse livro.

Talvez eu tenha escrito esse livro para preservar essas imagens, para poder guardá-las em algum lugar. Para que elas não ficassem em mim a me atormentar para sempre. Certamente para que meu avô não morresse de todo. De qualquer modo, também dessa história eu me sinto a testemunha desde muito cedo.

Era Meu Esse Rosto foi um livro demorado. Entre colocar a primeira palavra no papel, apagá-la muitas vezes e colocar a última, eu demorei mais de 12 anos. Era, com certeza um medo de ofender a família, embora em nossa história partilhada não existisse nada demais, nada que pudesse causar vergonha. Mas é possível que as pessoas sintam mais vergonha das misérias pessoais, das humilhações e também do abandono do qual são vítimas, do que de crimes e imoralidades. E eu sempre tive medo de falar dessas coisas que trazem memórias doloridas. Como tenho vergonha de escrever o que escrevo agora. Mas a vergonha, talvez tenha sido Lacan a dizer, é onde está a verdade. Eu prefiro assim.

Histórias de uma solidão imensa, de uma incomunicabilidade originária que me causa até hoje muita compaixão.

Depois, em meio a ensaios de filosofia com preocupações que vão da estética à filosofia da arte, até a política, passando pela ética e pelos estudos de gênero, nasceu *Uma Fuga perfeita é sem volta*, publicado em 2016. Um jornalista disse, não podemos fazer resenhas de livros longos demais. Ninguém vai querer ler isso. Era, pois um livro de 600 páginas. Não estamos mais na época de exigir algo como leitura de ninguém, sobretudo de quem não tem força ou interesse. Ele poderia ser realmente interminável. Um livro construído sobre as impressões, memórias e reflexões de um personagem chamado Klaus, estrangeiro na própria casa, estrangeiro no próprio corpo.

Klaus vive em Berlim há mais de 40 anos, lugar para onde foi meio sem querer, enquanto tentava ir para a África, pois, mesmo sendo ateu, Klaus tem um imaginário

cristão. O livro começa com ele desenhando tentando desenhar Cristo com uma boca costurada. E segue com imagens estranhas que eu mesma pensei em desenhar, mas até agora não fiz.

Ele passa quarenta anos em Berlim e medita sobre a possibilidade de voltar depois de ter descoberto em um telefonema casual para a irmã que vive em Florianópolis que o pai morreu há meses. Os quarenta anos em Berlim, representam um tempo e um espaço em que ele se constrói na solidão, ente solitário que é, marcado pelo medo do mundo, pelo medo do outro, pelo abandono, pela estranheza em seu próprio corpo, em sua língua de gago, em sua aparência andrógina. Entre o museu de pintura, onde ele trabalha na chapelaria, e a casa onde ele se esconde, ele descobre um espaço de fantasia que será sua redenção. Ele é um corpo intersexual, hermafrodita, que ele não compreende. Ele é o corpo não-idêntico. A estranheza inquietante está no seu próprio corpo. Ela é correlata ao seu modo diferente de ver o mundo, um modo que o afasta de muitas pessoas, mas o une a dois bons e raros amigos e um arsenal de memórias e possibilidades. Algumas pessoas me procuraram, todas homens, para dizer que eram Klaus.

Eu queria ter dito, Klaus sou eu. Klaus no exílio, Klaus, ilha de si mesmo.

Como eu queria dizer Lúcia, sou eu.

Lúcia é a protagonista de meu romance mais recente: *Sob os pés, meu corpo inteiro* (2018). É um romance com um tom distópico cujo pano de fundo é São Paulo. Lúcia retorna depois de anos vivendo longe. Retorna trazendo a urna com as cinzas de Manoel. Ela é umas dessas personalidades perdidas, acostumou-se a ser secundária como as mulheres aprendem a ser desde sempre.

Lúcia aprendeu em casa a ser inessencial diante de sua irmã, a quem amava e que, como ela, foi torturada. Acontece que Lúcia sobreviveu e Adriana não. Ela então, viverá com a identidade clandestina que herdada da irmã no processo de fuga do Brasil. Lúcia redescobrirá a vida ao lado de Betina e de João, em meio a tensões e surpresas em um mundo que se torna, aos poucos, estranho para todos.

Lúcia é uma personagem que representa o sujeito fraturado, que a literatura consegue mostrar tão bem e que o cinema não pode apresentar. Esse livro deve virar filme e, o complicado, será transmitir essa narrativa em primeira pessoa para uma forma proposicional baseada na “objetividade” da tela. *Sob os pés* é o meu romance decididamente político no sentido mais corriqueiro dessa palavra. Ele fala da importância da memória e de sermos todos, querendo ou não, vítimas da história da qual muitas vezes nos recusamos a fazer parte. É o romance no qual a figura da mulher dupla deve mostrar esse enigma da vida: viver pela metade, viver no mundo sem aquilo que o liga ao mundo. Viver relacionado com o objeto perdido, tornar-se estranho a si mesmo e buscar desesperadamente um retorno à casa quando ela já não existe mais.

Acho que não estou mais podendo escrever. Hoje, ao contar para um amigo muito próximo sobre o que eu escrevia ele me disse: você e seu chatíssimo narcisismo. Eu perguntei por que não se pode falar de si. Ele ficou irritado, invocou Freud e a homossexualidade dos narcisistas: eu ri.

Eu espero poder ler as histórias das mulheres que, como eu, sobreviveram à todas as tentativas de apagamento até aqui, que seguem firmes construindo novos mundos para si mesmas e para as outras.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: Reflexionen aus dem beschädigten Leben*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1951
- BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe*. Paris: Gallimard, 1986.
- BERNHARD, Thomas. *Origem*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BURTON, Robert. *Anatomy of Melancholy*. Project Gutenberg.
<https://www.gutenberg.org/files/10800/10800-h/10800-h.htm>
- DAMIÃO, Carla Milani. *Sobre o Declínio da Sinceridade*. Filosofia e Autobiografia de Jean Jacques Rousseau a Walter Benjamin. São Paulo: Loyola, 2006.
- DANTO, Artur. *Andy Warhol*. Yale University Press, 2010.
- FLUSSER, Vilém. *Bodenslos*. São Paulo: Annablume, 2007.
- FREUD, Sigmund. *Deuil et Mélancolie*. Traduit par Aline Weill. Paris : Payot, 2011.
- HEGEL, G. W. F. *Phenomenologie des Geistes*. <http://public-library.uk/ebooks/05/51.pdf>
- HILST, Hilda. *Contos d'escárnio*. Textos grotescos. São Paulo: Globo, 2002.
- LÉVI-STRAUS, Claude. *La Pensée Sauvage*. Paris: Pocket, 1990.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora Da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PESSANHA, Juliano Garcia. *Certeza do Agora*: Ateliê, 2003.
- PISAN, Christine de. *Œuvres poétiques de Christine de Pisan*, publiées par Maurice Roy, Paris, Firmin Didot pour la Société des anciens textes français, 1886–1896.
- Oiza: https://www.arlima.net/ad/christine_de_pizan.html#ver
- STEIN, Gertrude. *The Autobiography of Alice B. Toklas*. Vintage: 1990.
- VALÉRY, Paul. *Introduction à la Méthode de Léonard de Vinci*. Paris: Gallimard: 1992.